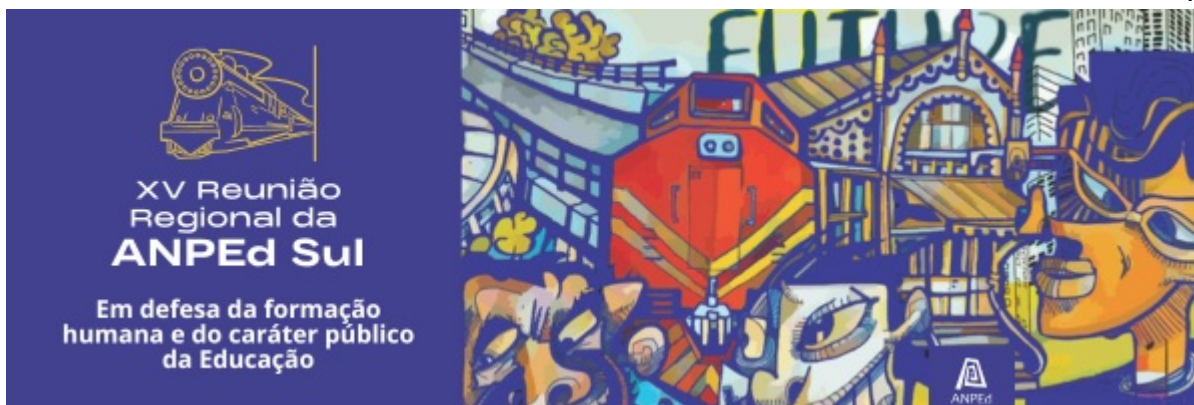




ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15513 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 17 - Educação Ambiental

O DESEMPAREDAMENTO DA INFÂNCIA E A CONSTRUÇÃO DO VALOR MORAL SOB UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Celize Cristina Ogg Nascimento Domingos - UFPR - Universidade Federal do Paraná

Tiago Venturi - UFPR - Universidade Federal do Paraná

Valeria Ghislotti Iared - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

O DESEMPAREDAMENTO DA INFÂNCIA E A CONSTRUÇÃO DO VALOR MORAL SOB UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

RESUMO: este trabalho propõe uma análise reflexiva voltada para a possível relação entre a construção dos valores morais e o modo de vida urbano da criança na atualidade, sob uma perspectiva fenomenológica que dialoga com a Educação da Atenção de Tim Ingold e o conceito do Estado de Fluxo de Thoreau, no qual a apreensão do mundo ocorre por meio da corporeidade e das experiências sensoriais que dela decorrem. A partir desta análise, espera-se abrir um caminho promissor em direção a reflexões assertivas voltadas à Educação Ambiental e à saúde da infância.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental. Infância. Fenomenologia.

Este ensaio tem por objetivo propor uma análise reflexiva voltada para a possível relação entre a construção dos valores morais e o modo de vida da criança, desconectada do seu ambiente natural, que vive à mercê do cumprimento angustiante de uma agenda executiva, fruto da demanda dos adultos em resposta a uma sociedade meritocrática. Demanda essa que resulta em uma oferta desenfreada de atividades cotidianas estruturadas entre o concreto e o asfalto, desconsiderando o **sujeito ecológico** definido por Carvalho (2004, p.177) como “um modo de ser relacionado à adoção de um estilo de vida ecologicamente orientado; um modo específico de ser no mundo, em outras palavras, é um jeito ecológico de ser”.

O termo “desemparedamento”, discutido neste trabalho, refere-se ao “ir para fora”. Instituições de pesquisa sobre a infância como a *Children and Nature Network* (EUA) e o Instituto Alana (BRA), o têm divulgado largamente na busca pelo reconhecimento e pela sensibilização da sociedade ocidental contemporânea sobre a necessidade de garantir às crianças a educação ao ar livre que “deve permitir experimentar, de forma experiencial e

reflexiva, instrumentos engajadores e críticos em um discurso que envolva a corporeidade, a intercorporeidade, as percepções de espaço e tempo, acessando assim uma consciência corpórea, uma compreensão incorporada e uma socioconsciência ecológica.” (GUERRA, 2023, p.38)

Quais prejuízos são observados, a médio e longo prazo, pela privação do indivíduo do contato com a natureza nos seus espaços de vivência? Considerando um tempo cada vez mais escasso, dedicado ao desenvolvimento da inteligência naturalista, quais são as chances de uma criança beneficiar-se da conexão com o sujeito ecológico que encerra em si mesma? Como garantir o desenvolvimento do extremo potencial inventivo, encharcado de subjetividade, que os seres humanos possuem, especialmente no primeiro setênio de vida, por meio de experiências estéticas em ambientes naturais?

Segundo Krenak (2022, p.98), estudos realizados nas últimas décadas mostram o encurtamento do tempo da infância, “em vez de as crianças o viverem como um lugar folgado, já estão caindo nele como “em uma chapa quente”, em que se veem obrigadas a responder às perguntas de um mundo em erosão”.

Repensar o modo de vida relacionado ao desenvolvimento infantil pressupõe que se troque as lentes de concepções antropocêntricas, assumindo que “a natureza e os humanos, bem como a sociedade e o ambiente estabelecem uma relação de mútua interação e copertença, formando um único mundo” (CARVALHO, 2012, p.30). É nesta simetria entre humanos e todas as outras materialidades da natureza que se originam as experiências estéticas do sujeito e que o levam a atribuir significado ao mundo por meio do perceber, sentir e refletir. Neste fluxo vital, entre todos aqueles que partilham do mesmo ambiente-mundo e que são transpassados e constituídos pela vida, se torna possível a constituição do corpamente. Aqui, entende-se mundo como lugar de pesquisa e formação, onde se habita o ambiente natural para vivenciar experiências de crescimento, desenvolvimento e aprendizagem individual, de grupo e comunitária. (GUERRA, 2023, p. 26)

Segundo Timothy Ingold (2010), o indivíduo aprende por um processo de atenção, atribuindo significado enquanto habita a experiência, por meio dos sentidos que se juntam ao movimento do mundo ao redor. É a atencionalidade multissensorial entre o corpo e o ambiente que desenvolve a habilidade do indivíduo iniciante, fazendo com que “atenda” à experiência junto ao outro (humano e não-humano) e promova a sintonia fina do aprendizado contínuo. Isto posto, entende-se que as **habilidades** e o **conhecimento** não são inatos, mas antes **experimentados** por meio do ajuste entre o sistema perceptivo e o mundo, tornando o processo cognitivo o próprio histórico da vida social do sujeito. Esta concepção fenomenológica, amplia a noção do construtivismo social, já que não restringe o sujeito à cultura em que está inserido (PAIVA, 2018). Neste sentido, compreende-se que não se separa o mundo e o conhecimento sobre ele, posto que o ter e o ser estão imbricados em uma atmosfera afetiva no mesmo espaço, tempo e lugar.

Percebe-se aqui o diálogo entre a Educação da Atenção de Ingold, descrita acima, e o “pensamento-em-ação”, dentro da análise das teorias não-representacionais de Daniel Paiva (2018) que salienta que é através da presença do corpo no mundo que se pensa o mundo, sendo assim inseparável deste; é um corpo constantemente atravessado por seus elementos, quais sejam água, solo, comida, sons ou tecnologias.

De acordo com Williges (2018), experiências sensório-motoras e afetivas, que ocorrem em contato com a natureza, promovem a compreensão e a internalização da verdade moral como resultado de processos reflexivos e afetivos, perceptivos e imaginativos. Entretanto, para tal, se faz necessário o enfraquecimento da fronteira do eu e do não-eu, a presentidade sem preocupação ou julgamento do passado ou do futuro. Este é o **estado de fluxo** que, para Thoreau, ocorre por meio do corpo que possui a função unificadora da experiência através do lidar absorvido com o mundo. É possível reconhecer em Krenak (2022, p.37) um conceito similar, denominado **espiritual**, caracterizado como “a experiência do corpo em comunhão com a folha, com o líquen e com a água, com o vento e com o fogo, com tudo que ativa nossa potência transcendente e que suplanta a mediocridade a que o humano tem se reduzido”.

O conceito de somaestética, desenvolvido por Richard Shusterman (2012), descrito como a experiência das percepções do corpo e as sensações provocadas pela indissociação com o mundo, complementa o entendimento do bem-viver de Thoreau no que diz respeito à apreensão de valor. Neste sentido, Williges (2018) estabelece uma conexão entre a sabedoria moral e a experiência corporal de aproximação com a Terra ao caminhar ou rastejar nela. Os estados afetivos e pensamentos imaginativos disparados pela visão da natureza ou pelos sons produzidos por seus elementos, compõem a estrutura normativa do bem-viver, atuando em conjunto com as experiências sensoriais. O contato com a natureza desperta “emoções episódicas” relacionadas ao encantamento do mundo que fazem com que o indivíduo se torne capaz de apreender as verdades sobre o sentido mais profundo do viver.

Nesse sentido, a educação é o caminho para a descoberta e para o Bem Viver, ora colocando o sujeito como aprendente ora como ensinante, na alternância de papéis com o outro que afeta e é afetado por habitar a mesma experiência. Cabe aqui ressaltar a importância do movimento entrelaçado entre todas as coisas, humanas e mais-que-humanas, que dão vida à “malha” proposta por Ingold (2012) e que vai acon-tecer à medida em que a infância retorne à presentidade no mundo.

Indo ao encontro desta perspectiva fenomenológica, atualmente é possível observar um movimento assertivo das comunidades educadoras em âmbito global, que estão em busca de garantir a construção e urbanização de espaços abertos, públicos e privados, que estimulem o protagonismo infantil, promovam o desenvolvimento de suas potencialidades e a construção de valores morais sensíveis à convivência humana e mais- que-humana.

Após a reflexão inicial deste ensaio sobre a inter-relação entre a premissa de desemparedamento da infância e a construção de valores morais por meio das experiências estéticas do indivíduo em ambientes naturais, torna-se ainda mais necessário repensar o rumo a ser seguido pelos agentes da sociedade, que buscam atender às demandas da modernidade e da urbanidade contemporânea. Como garantir o desenvolvimento integral das crianças e a construção das verdades morais desses indivíduos?

A partir da visão cosmológica ancestral de Krenak (2022), que sugere que “sejamos água, em matéria e espírito, em nossa movência e capacidade de mudar de rumo”, há que se considerar a relevância da “intração” entre o sujeito ecológico e o ambiente ao redor, para propor um modo de vida com outras possibilidades de habitar a experiência de estar no mundo, que não aquelas que encerram a potência da infância entre quatro paredes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental. Infância. Fenomenologia.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, I. **Educação Ambiental: A formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

GUERRA, M. **No Mundo: páginas para uma educação aberta e ao ar livre**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

INGOLD, T. **Da transmissão de representações à educação da atenção**; Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010

INGOLD, T. **Trazendo as coisas de volta à vida**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012

KRENAK, A. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

PAIVA, D. **Teorias não-representacionais na Geografia I: conceitos para uma geografia do**

que acontece. Centro de Estudos Geográficos: Finisterra, LII, 106, pp. 159 –168, Portugal, 2017.

SHUSTERMAN, R. **Thinking through the body**: essays in somaesthetics. New York: Cambridge University Press, 2012.

WILLIGES, F. **O que caminhar nos ensina sobre o viver? Thoreau e o apelo da natureza**. Cadernos IHU Ideias, Ano 16, nº 271, v.16, São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2018.